

ANÁLISE DO IMPACTO CULTURAL NO FORNECIMENTO DE ALIMENTOS PELAS FORÇAS ARMADAS EM MISSÕES HUMANITÁRIAS¹

ANALYSIS OF THE CULTURAL IMPACT ON FOOD PROVISION BY THE ARMED FORCES IN HUMANITARIAN MISSIONS

Anna Beatriz Andrade Pelisson²
Maria Cláudia de Jesus Machado³
Simone Aparecida Alves Lima Boero⁴

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar de que maneira a diversidade cultural afeta a aceitação dos alimentos fornecidos pelas Forças Armadas em missões humanitárias, como exemplificado pela Operação Acolhida, voltada ao acolhimento de migrantes venezuelanos em situação de vulnerabilidade. Em contextos multiculturais como esse, surgem desafios adicionais relacionados à aceitação dos alimentos, uma vez que os migrantes podem ter hábitos alimentares, tradições e práticas religiosas muito diferentes dos da população local. Nesse cenário, foi observada certa rejeição aos alimentos oferecidos, evidenciando a influência dos valores culturais e costumes alimentares de cada grupo. Além do objetivo geral, o estudo apresenta como objetivos específicos analisar o papel desempenhado pelas Forças Armadas nas missões humanitárias, compreender a influência do componente cultural no comportamento alimentar dos migrantes e identificar as razões da não aceitação dos alimentos oferecidos no contexto da Operação Acolhida. A justificativa deste estudo está na necessidade de compreender como esses fatores culturais impactam a logística de fornecimento de alimentos, afetando a eficiência das operações humanitárias. Para isso, foi adotada uma abordagem qualitativa, baseada em revisão da literatura acadêmica e na análise documental de relatório oficial da Operação Acolhida, com o intuito de entender as especificidades culturais que influenciam a aceitação dos alimentos. Os resultados obtidos ressaltam a importância de se considerar aspectos culturais ao formular estratégias alimentares em missões humanitárias. O reconhecimento e a adaptação às necessidades alimentares culturais dos migrantes contribuem para o aprimoramento das práticas de assistência oferecidas pelas Forças Armadas, promovendo maior eficiência e aceitação no fornecimento de alimentos.

Palavras-chave: Diferenças culturais; Hábitos alimentares; Operação Acolhida; Logística alimentar.

¹ Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Formação de Oficiais Intendentes (CFOInt) da Academia da Força Aérea (AFA)

² Cadete Intendente do 4º Esquadrão (Turma *Ártemis*, 2025).

³ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) e Mestre em Ciências Aeroespaciais pela Universidade da Força Aérea (UNIFA). Docente de Língua Espanhola. Academia da Força Aérea. E-mail: mariaclaudiamcjm@fab.mil.br.br.

⁴ Professora da Academia da Força Aérea. Graduada em Letras pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP- Araraquara (1991), mestre e doutora em Estudos Literários pela mesma instituição (2006 e 2013). E-mail: simonesaalb@fab.mil.br.

ABSTRACT

This study aims to investigate how cultural diversity affects the acceptance of food provided by the Armed Forces in humanitarian missions, as exemplified by Operation Acolhida, which focuses on welcoming Venezuelan migrants in vulnerable situations. In multicultural contexts like this, additional challenges arise regarding food acceptance, since migrants may have eating habits, traditions, and religious practices that are very different from those of the local population. In this scenario, a certain rejection of the food offered was observed, highlighting the influence of each group's cultural values and dietary customs. In addition to the general objective, the study presents specific objectives: to analyze the role played by the Armed Forces in humanitarian missions; to understand the influence of the cultural component on migrants' eating behavior; and to identify the reasons for the non-acceptance of the food provided in the context of Operation Acolhida. The justification for this study lies in the need to understand how these cultural factors impact the logistics of food supply, affecting the efficiency of humanitarian operations. To achieve this, a qualitative approach was adopted, based on a review of academic literature and a documentary analysis of official reports from Operation Acolhida, with the purpose of understanding the cultural specificities that influence food acceptance. The results highlight the importance of considering cultural aspects when formulating food strategies in humanitarian missions. Recognizing and adapting to the cultural dietary needs of migrants contributes to improving the assistance practices provided by the Armed Forces, promoting greater efficiency and acceptance in food distribution.

Keywords: Cultural differences; Dietary habits; Operation Shelter; Food logistics.

INTRODUÇÃO

Diante do aumento das crises humanitárias decorrentes de desastres naturais, conflitos políticos e colapsos econômicos, torna-se evidente a complexidade dos desafios logísticos e operacionais enfrentados em missões de ajuda humanitária em todo o mundo. Essas missões, essenciais para a sobrevivência e o bem-estar de populações em situação de extrema vulnerabilidade, exigem uma coordenação meticulosa e respostas rápidas para garantir a eficácia das ações (Ryngaert, 2004).

Nesse cenário, a participação das Forças Armadas desempenha um papel crucial, não apenas na manutenção da segurança e da ordem nos territórios afetados, mas também no fornecimento de suporte logístico indispensável (Oliveira Netto, 2014). Além disso, o Brasil, como um dos 51 membros fundadores das Nações Unidas (ONU), desempenha um papel importante nas principais áreas de atuação da organização, como paz e segurança, desenvolvimento sustentável e direitos humanos, destacando-se como um ator significativo em operações humanitárias, contribuindo com recursos e *expertise* para enfrentar os desafios impostos por esses contextos complexos (Apte, 2010; Barber, 2012; Heaslip *et al.*, 2012).

Sendo assim, é fundamental compreender a atuação do Estado a partir de sua complexidade e da forma como exerce poder. Michel Foucault (1992) descreve o Estado como uma estrutura dispersa de poder, que opera por meio de práticas de governamentalidade, disciplinando e regulando a vida social em níveis micro e macro. Assim, a intervenção estatal, em situações de vulnerabilidade, não é apenas uma resposta emergencial, mas uma obrigação intrínseca ao papel do Estado. No Brasil, essa responsabilidade reflete-se nas atribuições das Forças Armadas — Marinha, Exército e Aeronáutica —, conforme estabelecido pelo Art. 142 da Constituição Federal de 1988, que lhes confere um papel central, tanto na manutenção da segurança quanto no apoio logístico e humanitário em cenários de crise (Brasil, 1988).

Nesse contexto, as operações humanitárias, por sua natureza, demandam agilidade, organização e um sistema logístico eficiente. A capacidade das Forças Armadas de responder rapidamente às emergências, mantendo uma estrutura organizacional sólida e operacionalmente apta, é essencial, especialmente em locais de difícil acesso ou onde a infraestrutura foi severamente comprometida. Michaud *et al.* (2019) destacam a importância dessas competências, ressaltando que a capacidade de mobilização rápida em cenários adversos é um diferencial crucial para situações de crise humanitária e reforçam a necessidade de um planejamento estratégico eficiente para o cumprimento da missão proposta de assegurar a vida das pessoas envolvidas.

Tendo essas características, capacidades e função dos militares expostas, as formas de emprego das Forças Armadas para cumprir a missão de assegurar a sobrevivência das pessoas envolvidas em situações de crise e caos têm o objetivo de garantir-lhes cidadania e dignidade. Dessa forma, o fornecimento de alimentos contribui para a manutenção da vida, por aumentar o bem-estar e auxiliar na redução de problemas futuros, como desnutrição e fome. Entretanto, é válido considerar também em qual contexto os assistidos pela operação humanitária estão inseridos, já que podem ter necessidades e hábitos nutricionais distintos devido às diferenças culturais.

Um exemplo notável dessa complexidade aconteceu durante a Operação Acolhida, missão humanitária que acontece desde 2018, voltada para o acolhimento de migrantes venezuelanos vulneráveis e sua interiorização no Brasil (Franchi, 2022). No decorrer da operação, verificou-se que os refugiados resistiram a certos alimentos fornecidos, devido às diferenças culturais entre as dietas brasileira e venezuelana (Silva, 2020). A partir desse episódio, verificou-se uma debilidade no planejamento da operação, conforme identificado na análise *SWOT* conduzida por Silva (2020), que apontou a alimentação inadequada como um ponto crítico para o sucesso de futuras missões humanitárias.

Assim, a questão alimentar em operações humanitárias vai além da simples distribuição de macro e micronutrientes. Ou seja, o ato de se alimentar transcende a mera nutrição, pois representa um comportamento social e cultural que reflete identidades, tradições e valores regionais, sendo o estudo prévio desses hábitos fundamental para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes e sensíveis em futuras operações (Valdivieso *et al.*, 2015). Por isso, a importância deste estudo está situada no questionamento acerca do respeito e ética em relação à cultura do povo assistido e à ajuda humanitária envolvida nas operações.

Embora o fornecimento de alimentos em missões humanitárias desempenhe um papel crucial na manutenção da vida e no respeito às diferenças culturais das populações atendidas, a literatura disponível sobre esse tema ainda é escassa. Até o momento, poucos estudos exploram de forma abrangente as particularidades da distribuição de alimentos em missões realizadas pelas Forças Armadas, o que reforça a necessidade de se investigar essa área e contribuir com novas informações que possam apoiar a execução de futuras operações.

Portanto, por meio desta pesquisa, pretende-se analisar como as diferenças culturais podem interferir no fornecimento de alimentos em operações humanitárias conduzidas pelas Forças Armadas. Serão explorados os desafios culturais que influenciam os hábitos alimentares das populações assistidas em missões desse tipo, bem como as necessidades nutricionais em situações de caos e crise. A partir deste estudo, espera-se contribuir para a formulação de estratégias mais adequadas, que considerem as particularidades culturais das populações afetadas, garantindo o sucesso das missões e a preservação das vidas envolvidas e, ainda, responder à seguinte pergunta: **“De que maneira as diferenças culturais impactam no consumo de alimentos oferecidos pelas Forças Armadas em missões humanitárias?”**.

O presente estudo tem como objetivo geral verificar o impacto das diferenças culturais na aceitação dos alimentos fornecidos pelas Forças Armadas em missões humanitárias. Para alcançar esse propósito, foram estabelecidos objetivos específicos que norteiam a pesquisa. Inicialmente, busca-se contextualizar o papel desempenhado pelas Forças Armadas nas missões humanitárias, com ênfase no fornecimento de alimentação. Em seguida, pretende-se identificar a influência do componente cultural no comportamento alimentar, considerando fatores que podem afetar a aceitação dos alimentos disponibilizados. Por fim, objetiva-se analisar as razões da não aceitação dos alimentos oferecidos no contexto da Operação Acolhida, a fim de compreender os desafios enfrentados e auxiliar nas futuras propostas de cardápios nesse tipo de missão.

1 METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, foi adotada uma abordagem qualitativa, combinando a pesquisa bibliográfica com a análise documental. Essa metodologia foi considerada adequada para explorar as interações entre cultura alimentar e operações humanitárias, temas centrais deste estudo. A pesquisa bibliográfica, conforme Boccato (2006), envolve um levantamento crítico de documentos já publicados, com o objetivo de ampliar o entendimento sobre o tema e gerar novas perspectivas. Trata-se de um processo reflexivo, no qual se examinam estudos anteriores com o intuito de aprofundar e contribuir para o conhecimento existente.

De acordo com Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica não deve ser vista como uma simples repetição ou compilação de informações, mas como um exame detalhado e inovador de um tema sob uma nova perspectiva, capaz de gerar conclusões originais e úteis para o avanço da área de estudo. Nesse sentido, foi realizada uma revisão da literatura acadêmica, com foco em temas como cultura alimentar, operações humanitárias e situações de choque cultural. Como objeto de análise, foi abordado um exemplo concreto desse impacto cultural, a Operação Acolhida, que serviu para investigar a influência das diferenças culturais no fornecimento de alimentos durante crises humanitárias.

A escolha da Operação Acolhida como objeto de estudo justificou-se pela sua relevância no cenário humanitário, no qual o Brasil, em parceria com organizações internacionais e ONGs, implementou estratégias logísticas para o acolhimento de refugiados venezuelanos. Naquele contexto, foram enfrentados, entre outros, desafios relacionados às diferenças culturais no âmbito alimentar, tornando essa operação um exemplo apropriado para análise.

Além disso, a análise documental se configurou como uma importante ferramenta para a obtenção de dados empíricos que complementam a revisão bibliográfica. A documentação foi obtida por intermédio de órgãos do Ministério da Defesa, responsáveis pelo fornecimento de alimentos e da logística empregada durante o início da Operação Acolhida em 2018, o que permitiu acessar dados detalhados sobre os desafios enfrentados e as soluções adotadas no âmbito logístico e alimentar. O relatório operacional foi analisado de forma crítica, buscando entender como as questões culturais influenciaram as decisões e práticas logísticas no fornecimento de alimentos para refugiados.

A investigação crítica do relatório operacional concentrou-se na identificação de como as diferenças culturais impactaram as decisões e práticas logísticas no fornecimento de alimentos, evidenciando a necessidade de adaptação cultural nas ações humanitárias.

A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo, à luz dos conceitos de cultura, identidade cultural e choque cultural, visando identificar temas recorrentes e padrões que indicassem a influência das diferenças culturais na aceitação dos alimentos oferecidos pelas Forças Armadas. Posteriormente, os dados foram interpretados para identificar as principais causas da rejeição alimentar.

Dessa forma, a combinação entre a revisão da literatura, a análise documental e os estudos bibliográficos que incorporam análises documentais, proporcionou uma abordagem robusta, capaz de oferecer *insights* relevantes sobre a gestão alimentar em missões humanitárias e os impactos culturais envolvidos nesse processo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO

Para fundamentar o trabalho e para compreender a relevância da cultura no comportamento alimentar discutido na literatura, é essencial compreender termos fundamentais para este estudo. Entre os componentes que se conectam diretamente aos objetivos principais e específicos desta pesquisa, destacam-se o papel das Forças Armadas em missões humanitárias, o comportamento alimentar, o fornecimento de alimentos em situações adversas e a Operação Acolhida.

Neste sentido, o referencial teórico apresentado a seguir está estruturado em torno de quatro temas principais. O primeiro aborda o papel das Forças Armadas em operações de assistência humanitária e o funcionamento da logística em cenários emergenciais. O segundo trata dos aspectos culturais que influenciam o comportamento alimentar, destacando as crenças, tradições e preferências que impactam a aceitação dos alimentos. O terceiro aborda o fornecimento de alimentos nessas missões. Por fim, o quarto contempla a Operação Acolhida, oferecendo subsídios para a análise crítica dos desafios enfrentados no fornecimento de alimentação em um contexto multicultural.

2.1.1 O papel das Forças Armadas em Missões Humanitárias

Missões humanitárias são operações organizadas por entidades governamentais, organizações não governamentais (ONGs) ou coalizões internacionais, com o objetivo de fornecer assistência imediata a populações afetadas por crises graves, como desastres naturais, conflitos armados, epidemias ou outras emergências (Ryngaert, 2004). Essas missões buscam salvar vidas, aliviar o sofrimento humano e assegurar o respeito aos direitos humanos básicos, por meio da logística humanitária (Kovács; Spens, 2007). Segundo a Federação Internacional da Cruz Vermelha (*apud* Meirim, 2007), esse ramo da logística envolve todo o processo e sistema de mobilização de recursos, pessoas e conhecimento para auxiliar em situações de caos e as comunidades em situação de desamparo, impactadas por desastres naturais ou crises políticas e regionais.

Nesse contexto, as Forças Armadas desempenham um papel essencial ao fornecer suporte logístico, distribuir suprimentos, garantir segurança e apoiar organizações civis (Apte, 2010; Barber, 2012; Heaslip *et al.*, 2012). Elas transportam alimentos e medicamentos para áreas de difícil acesso, estabelecem infraestrutura temporária e protegem trabalhadores e civis em zonas de conflito (Weeks, 2007). Além disso, oferecem assistência médica, constroem hospitais de campanha e colaboram com ONGs e agências internacionais para coordenar operações de ajuda, garantindo que a resposta seja rápida e eficiente em cenários de crise (Apte, 2010).

Outro ponto fundamental é a capacidade das Forças Armadas de atuar em locais de difícil acesso, onde, muitas vezes, outras organizações não conseguem chegar devido à falta de estrutura ou condições inseguras (Weeks, 2007). Com seus recursos aéreos, navais e terrestres, as Forças Armadas podem rapidamente responder a situações de emergência, conectando áreas isoladas com centros de apoio logístico, garantindo que a ajuda chegue de forma eficiente e em tempo hábil. Esse aspecto é crucial em regiões que enfrentam desastres naturais, como enchentes, secas, terremotos ou conflitos armados que destroem a infraestrutura civil.

Dessa forma, as Forças Armadas atuam como uma extensão do poder do Estado em cenários de crise, cumprindo sua responsabilidade de proteger e assistir as populações vulneráveis. Conforme estabelecido no Art. 142 da Constituição Federal de 1988, as Forças Armadas brasileiras têm o dever de assegurar a ordem pública e a paz social, sendo frequentemente chamadas para intervir em situações de emergência nacional ou internacional (Brasil, 1988). Nessa função, elas não apenas garantem a segurança, mas também participam ativamente no fornecimento de ajuda humanitária, integrando a logística e o apoio às necessidades civis em um cenário de crise.

Portanto, a presença das Forças Armadas em missões humanitárias reforça não apenas seu papel constitucional, mas também demonstra sua importância como um dos principais pilares de resposta a emergências, tanto em nível nacional quanto internacional. A sua capacidade de agir com rapidez, garantir a segurança e mobilizar recursos em grande escala faz delas um ator indispensável na assistência humanitária, uma vez que contribuem para salvar vidas e mitigar o sofrimento humano em momentos de extrema vulnerabilidade.

2.1.2 Comportamento alimentar

Dentro da hierarquia de necessidades humanas, ilustrada pela Pirâmide de Maslow na Figura 1, a alimentação ocupa posição fundamental na base, pois representa uma das necessidades mais críticas em situações de emergência. O Programa Mundial de Alimentos da ONU (*World Food Program - WFP*) enfatiza que a distribuição de alimentos, nas fases iniciais de uma emergência, não apenas assegura a sobrevivência, mas também contribui para a manutenção da saúde e do bem-estar dos indivíduos. Contudo, o fornecimento de alimentos em missões humanitárias requer um cuidado adicional para respeitar os hábitos alimentares, tradições culturais e restrições religiosas das comunidades assistidas (Valdivieso *et al.*, 2015).



Figura 1: Pirâmide de Maslow Padrão

Fonte: Opinion Box, 2018.

Tendo em vista que o ato de se alimentar vai além da simples nutrição, pois envolve uma complexa interação entre as necessidades básicas do ser humano, as relações sociais e as sensações proporcionadas pelos alimentos, fatores que, em conjunto, definem o comportamento alimentar

(Atzingen, 2011), o processo de escolha dos alimentos é influenciado por uma série de elementos, como o ambiente familiar, o nível de escolaridade, a renda, os fatores geográficos e os aspectos culturais, que moldam a forma como cada indivíduo se comporta diante da alimentação. Essas variáveis atuam de maneira interligada, criando um sistema de influências que determina o quê, quando e como as pessoas consomem os alimentos. E o conjunto de todos esses aspectos determina o comportamento alimentar.

Desde a infância, o comportamento alimentar é impactado pelo contexto familiar. Nesse ambiente, os alimentos oferecidos dentro de cenários específicos moldam as preferências e os hábitos alimentares ao longo da vida. Isso ocorre, porque a exposição precoce a determinados tipos de alimentos, desde o aleitamento materno, pode aumentar a aceitação de sabores e texturas semelhantes. Fisher e Birch (2001) sugerem que essa familiaridade precoce com certos alimentos facilita a formação de hábitos alimentares duradouros, reforçando a importância do papel da família nesse processo de aprendizado alimentar.

Além disso, a renda e o nível de escolaridade também exercem grande influência sobre o comportamento alimentar. Pessoas com maior poder aquisitivo e maior nível de instrução tendem a adotar padrões alimentares mais saudáveis, com consumo elevado de alimentos de alto valor nutricional, como frutas, hortaliças e grãos integrais (Silva; Ribeiro; Cardoso, 2008). Isso se deve não apenas ao maior conhecimento sobre os benefícios de uma dieta equilibrada, mas também ao fato de que esses alimentos costumam ser mais caros em comparação com produtos ultraprocessados, que são frequentemente mais acessíveis e abundantes no mercado. O custo elevado dos alimentos nutritivos representa um obstáculo significativo para populações de menor renda, que muitas vezes optam por alimentos mais baratos, mas nutricionalmente pobres, como os *fast foods*.

A cultura exerce um papel central nas escolhas alimentares, uma vez que influencia diretamente os hábitos e preferências dos indivíduos. Segundo Holliday (1999), ela pode ser compreendida como um conjunto de crenças e costumes transmitidos socialmente dentro de uma mesma nacionalidade ou etnia. Associado a isso, o conceito de identidade cultural também se mostra relevante, sendo definido por Oliveira (2001) como um sentimento de pertencimento a determinado grupo social.

Segundo Chaves *et al.* (2009), cada região do mundo é influenciada pelas práticas culturais e religiosas dos povos que a compõem, como indígenas, pretos e brancos, cujas tradições alimentares são passadas de geração em geração. Além disso, restrições religiosas e tradições

específicas desempenham um papel importante na seleção dos alimentos que são aceitos ou rejeitados (Hamilton; Mcilveen; Strugnell, 2000). As preferências alimentares, portanto, variam de acordo com a região, o país e a sociedade em que o indivíduo está inserido (Garcia, 1997).

Estudos conduzidos por Castro, Bellisle, Feunekes, Dalix e Graaf (1997) com alemães, americanos e franceses evidenciaram que as diferenças culturais não se limitam à escolha dos alimentos, mas também influenciam a quantidade ingerida e os horários de consumo. Esses resultados mostram que o contexto social e cultural em que o indivíduo está inserido é determinante não apenas para o tipo de alimento consumido, mas também para a forma como a alimentação é estruturada em termos de práticas e rotinas.

De acordo com Leônidas e Santos (2011), o hábito e o comportamento alimentar refletem as diversas formas de convivência com os alimentos, representadas por regras, valores e significados atribuídos ao ato de se alimentar. Dessa forma, fica evidente que múltiplos fatores – desde influências familiares e econômicas até aspectos culturais e religiosos – atuam conjuntamente para moldar o comportamento alimentar de cada indivíduo, tornando o ato de escolher, preparar e consumir alimentos um processo complexo e multifacetado.

2.1.3 Fornecimento de alimentos em situações de assistência humanitária

A distribuição de alimentos, em missões humanitárias e missões de paz, é uma tarefa essencial para garantir a sobrevivência e o bem-estar das populações afetadas por crises, como conflitos armados, desastres naturais e deslocamentos forçados (Valdivieso *et. al*, 2015). Nessas operações, a logística desempenha um papel crucial, pois envolve a coordenação de diferentes atores, como organizações internacionais, governos locais e as Forças Armadas, que muitas vezes são responsáveis pela execução dessas operações em campo (Heaslip; Barber, 2014).

No contexto das missões de paz e humanitárias, as Forças Armadas frequentemente assumem a função de organizar e distribuir os alimentos em áreas de difícil acesso, garantindo que as populações vulneráveis recebam o suporte necessário (Thompson, 2010). A logística militar é fundamental nesse processo, pois envolve o transporte seguro dos alimentos, o armazenamento adequado e a distribuição eficiente, muitas vezes em situações de infraestrutura precária e de segurança comprometida. Além disso, há a preocupação de respeitar as particularidades culturais e religiosas das populações atendidas, o que pode demandar adaptações nos tipos de alimentos distribuídos para evitar ofensas ou incompatibilidades alimentares (Valdivieso *et. al*, 2015).

Portanto, tendo em vista o papel do Estado de assegurar a sobrevivência e o bem-estar da população, o fornecimento de alimentos se torna uma atividade crucial no decorrer da missão humanitária, especialmente em situações de crise migratória. Além de suprir uma necessidade básica, a distribuição adequada e eficiente de alimentos é essencial para evitar o agravamento de situações de vulnerabilidade, garantir a dignidade humana e promover a estabilidade nas áreas de acolhimento.

No entanto, ao considerar a diversidade cultural dos migrantes, surgem desafios adicionais. Como apontam Leônidas e Santos (2011), o comportamento alimentar é moldado por uma combinação de fatores culturais, econômicos e religiosos, refletindo a complexidade das tradições alimentares de cada grupo. Em situações de acolhimento, como as vividas por migrantes e refugiados, esses fatores culturais podem entrar em conflito com os hábitos alimentares da comunidade anfitriã, o que dificulta a aceitação dos alimentos fornecidos.

Nesse contexto, Hoshino (*apud* Oliveras, 2000) destaca que as reações dos indivíduos diante das diferenças culturais são influenciadas por diversos fatores pessoais, como sua personalidade, atitudes, experiências anteriores e vivências em contextos de comunicação intercultural. Esses elementos podem impactar de maneira significativa a adaptação dos migrantes a novas práticas alimentares, levando, por exemplo, à rejeição dos alimentos oferecidos ou à resistência em aceitar as normas alimentares locais. Dessa forma, pode surgir um choque cultural na população que está sendo assistida.

Nesse cenário, Oliveras (2000) define o choque cultural como a experiência vivida por alguém ao entrar em contato com uma cultura diferente da sua, podendo gerar reações favoráveis ou desfavoráveis. Essa reação inicial pode se manter ou se modificar com o tempo, conforme a pessoa se adapta e passa a compreender e incorporar os costumes da nova cultura.

No âmbito das missões humanitárias conduzidas pelas Forças Armadas, essa questão torna-se particularmente relevante, sobretudo no que diz respeito ao fornecimento de alimentos. A alimentação, sendo um elemento central da cultura, pode tanto facilitar quanto dificultar o processo de adaptação dos atendidos, influenciando diretamente sua aceitação, bem-estar e integração social.

2.1.4 Operação Acolhida

Desde que a crise econômica, política e social na Venezuela se intensificou, em 2019, o Brasil passou a receber um número crescente de migrantes vindos do país vizinho, principalmente a

partir de 2017, com Roraima como principal ponto de entrada (Franchi, 2019). Esse fluxo migratório, que se caracteriza pela busca por melhores condições de vida, gerou uma pressão significativa sobre os recursos e serviços públicos locais, como saúde, segurança, alimentação e infraestrutura (Lopes da Cruz, 2020). A chegada desses venezuelanos colocou o estado em uma situação de emergência humanitária, o que exigiu uma resposta rápida e coordenada do governo brasileiro.

Diante desse cenário, o Estado precisou tomar medidas urgentes para lidar com os desafios impostos pela crise migratória. Em 2018, como parte dessa resposta, o governo federal, em parceria com organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Internacional para as Migrações (OIM), além de diversas Organizações Não Governamentais (ONGs), lançou a Operação Acolhida (Lopes da Cruz, 2020). A iniciativa buscou organizar o processo de acolhimento e integração dos migrantes, minimizando o impacto sobre as regiões mais afetadas, como Roraima, e garantindo que os migrantes recebessem assistência adequada.

Essa operação tem como objetivo principal coordenar os esforços de acolhimento, assistência humanitária e integração dos venezuelanos no Brasil. Sob a coordenação das Forças Armadas, tal operação se estrutura em três eixos principais: ordenamento de fronteira, abrigamento e interiorização.

O ordenamento visa organizar a entrada e registro dos migrantes, garantindo o cumprimento das leis brasileiras e assegurando que todos os que precisam de proteção tenham acesso a ela. O abrigamento garante que os migrantes tenham acesso a condições mínimas de vida digna, incluindo alimentação, saúde e segurança. Já o processo de interiorização busca distribuir os migrantes para diferentes estados brasileiros, facilitando a integração e mitigando o impacto concentrado em Roraima.

A Operação Acolhida também envolve uma complexa logística de fornecimento de recursos essenciais, incluindo alimentação, água potável e atendimento médico. As Forças Armadas desempenham papel central na coordenação dessas atividades, já que aquelas garantem que as necessidades básicas dos migrantes sejam atendidas de forma eficiente e rápida. Segundo Tedesco (2023), essa operação foi a maior do Brasil, e, ainda, destaca que as Forças Armadas nunca tinham participado de uma missão da magnitude humanitária desse tipo envolvendo imigrantes.

A distribuição da alimentação nos abrigos era organizada principalmente pelo Grupamento de Apoio de Boa Vista (GAP-BV), responsável pela produção e fornecimento das refeições

destinadas aos venezuelanos abrigados. As refeições eram preparadas em cozinhas estruturadas dentro do contexto da operação e distribuídas diretamente nos pontos de acolhimento.

Apesar dos esforços logísticos empregados para garantir a oferta alimentar, surgiram desafios relacionados à aceitação das refeições oferecidas. Um dos aspectos abordados por Silva em seu trabalho de mestrado (2020) diz respeito à rejeição das refeições fornecidas pelo Grupamento de Apoio de Boa Vista (GAP-BV) em determinados abrigos, conforme apontado em relatórios internos. Tal rejeição foi atribuída ao choque cultural alimentar, resultante das diferenças nos hábitos e preferências alimentares entre brasileiros e venezuelanos. Em um desses relatórios, elaborado pelo próprio GAP-BV em 2018, foi identificada a disparidade nas preferências alimentares dos imigrantes, com destaque para o feijão, cuja forma de preparo difere significativamente em algumas regiões da Venezuela, o que gerou estranhamento e baixa aceitação entre os beneficiários.

Conforme Silva (2020), houve até episódios de protestos e greves de fome por parte dos refugiados, revelando que a alimentação inadequada pode gerar tensões sociais nos abrigos, além de representar um risco à segurança alimentar dos beneficiários. Essas evidências reforçam a importância de integrar o conhecimento cultural ao planejamento logístico das Forças Armadas, especialmente em missões que envolvam públicos diversos e vulneráveis. No presente trabalho, foi realizada uma análise SWOT, na qual a diferença cultural foi identificada como uma fraqueza. Esse fator ficou evidente diante dos protestos e da rejeição aos alimentos, revelando o desconhecimento sobre os hábitos alimentares dos abrigados — um aspecto que merece atenção em futuras operações.

2.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

No contexto da crise humanitária provocada pela instabilidade política e econômica na Venezuela, o Estado brasileiro, por intermédio das Forças Armadas, implementou a Operação Acolhida, visando prestar assistência emergencial aos imigrantes venezuelanos em situação de vulnerabilidade. A proximidade geográfica e o intenso fluxo migratório tornaram necessária uma resposta estruturada para acolher essa população.

O ordenamento de fronteiras envolveu a recepção, identificação, fiscalização sanitária, imunização, regularização migratória e triagem dos imigrantes, desde sua entrada no Brasil, em Pacaraima (RR). O acolhimento consistiu no abrigamento de imigrantes em situação de

vulnerabilidade, proporcionando um ambiente mais seguro e estruturado. Por fim, a interiorização foi o processo de deslocamento dos imigrantes para outras Unidades da Federação, a partir de Roraima, com o objetivo de oferecer novas oportunidades e facilitar a inserção social e econômica.

Este estudo concentra-se na etapa de acolhimento, com ênfase no fornecimento de alimentos, uma das ações essenciais da operação. Nesse contexto, observou-se que fatores culturais influenciaram significativamente a aceitação das refeições oferecidas, uma vez que os hábitos alimentares dos venezuelanos nem sempre coincidiam com as opções disponibilizadas.

Inicialmente, esse fornecimento era realizado diariamente e seguia o planejamento de café da manhã, almoço e jantar. O Grupamento de Apoio de Boa Vista (GAP-BV) preparou, em média, 4.500 refeições diárias destinadas aos abrigos (Gabrielli, 2018). Além da Força Aérea Brasileira, o Exército Brasileiro, por meio da 1ª Brigada de Infantaria de Selva e pelo 7º Batalhão de Infantaria de Selva, participou dessa distribuição de refeições nos abrigos que foram instalados na região (Junior, 2019).

Contudo, o fornecimento de alimentos nesse contexto evidenciou desafios significativos, sobretudo no que diz respeito às diferenças culturais entre os imigrantes venezuelanos e a equipe brasileira encarregada da logística de subsistência. Tais particularidades culturais influenciam diretamente as preferências alimentares, podendo resultar em choques culturais no momento da oferta das refeições. Esse cenário foi analisado na pesquisa de Silva (2020), que identificou episódios de rejeição alimentar por parte dos venezuelanos, atribuídos às disparidades culturais entre os dois povos.

Esse comportamento pode ser explicado por diversos fatores, como a familiaridade com os ingredientes utilizados, o modo de preparo das refeições e os significados simbólicos que determinados alimentos carregam (Fisberg; Slater, 2002). A alimentação, nesse sentido, ultrapassa a mera função nutricional, configurando-se como uma prática repleta de valores identitários e afetivos, que moldam a aceitação ou a recusa de certos alimentos. Diante de uma culinária distinta daquela a que estão acostumados, é natural que os indivíduos apresentem resistência, especialmente quando os pratos oferecidos destoam dos sabores, texturas e rituais alimentares próprios de suas culturas de origem.

Visando enfrentar esses desafios, desde 2020, a produção e a distribuição das refeições passaram a ser terceirizadas, mediante a contratação de empresas especializadas por meio de licitação (Silva, 2020). A nova estratégia buscou não apenas atender à crescente demanda por

refeições, mas também adaptar os cardápios para valorizar os hábitos alimentares da cultura venezuelana (Honorato, 2021).

Assim, compreender essas diferenças é essencial para entender como a cultura contribui para a formação do comportamento alimentar de diferentes grupos. Aspectos como religião, tradições familiares, clima e geografia desempenham um papel fundamental nessa construção. A religião pode impor restrições ou permissões alimentares (Recine; Radaelli; Ferreira, 2008). Além disso, o clima e a geografia influenciam o cultivo e a disponibilidade de determinados alimentos, tornando-os característicos de certas regiões (Coelho, 1992).

Nesse contexto, a influência cultural na alimentação da América Latina se expressa de forma marcante por meio das tradições indígenas, que contribuíram significativamente com hábitos alimentares e ingredientes característicos da região. As dietas desenvolvidas por esses povos são notavelmente diversificadas, baseadas no consumo de tubérculos, milho, frutas e fontes de proteína oriundas da caça e da pesca (Recine; Radaelli; Ferreira, 2008).

A alimentação, carregada de valores culturais e afetivos, pode se tornar um fator de tensão em contextos de acolhimento. Tal como mencionado, a pesquisa de Silva (2020) evidenciou episódios de rejeição de refeições por imigrantes venezuelanos, atribuídos às diferenças entre seus hábitos alimentares e os padrões brasileiros. Relatórios internos da Operação Acolhida corroboram esses fatos, indicando que a aceitação alimentar foi comprometida, mesmo diante do esforço logístico empregado para garantir o atendimento nutricional.

Esses episódios de rejeição observados durante a Operação Acolhida, reforçam a concepção de Leônidas e Santos (2011) de que os hábitos alimentares estão profundamente enraizados na cultura e influenciam diretamente o comportamento diante da alimentação. As dificuldades enfrentadas na aceitação das refeições revelam fragilidades no planejamento logístico da missão, sobretudo no que se refere à sensibilidade cultural. Essa constatação vai ao encontro das considerações de Valdivieso *et al.* (2015), que alertam para os riscos de se negligenciar os aspectos culturais na formulação de estratégias alimentares em contextos emergenciais.

No caso dos imigrantes venezuelanos atendidos por essa Operação, as diferenças culturais relacionadas aos alimentos e à forma de preparo foram fatores que contribuíram para essa rejeição das refeições por parte de alguns grupos (Silva, 2020). Entre as principais causas identificadas, destaca-se o modo de preparo do feijão no Brasil, que difere significativamente da forma como é tradicionalmente consumido na Venezuela. Além disso, observou-se que o milho, amplamente presente na base alimentar venezuelana, não era incluído com frequência nos cardápios oferecidos,

o que também impactou negativamente a aceitação das refeições, já que o *costume* é fator significativo para a boa aceitação da alimentação fornecida (Brasil, 2018).

Diante desse contexto, a eficiência das operações humanitárias pode ser comprometida, uma vez que um dos seus principais objetivos é assegurar a manutenção da vida por meio do fornecimento adequado de alimentos. A rejeição das refeições disponibilizadas implica a redução da ingestão de nutrientes e energia essenciais, o que compromete diretamente a saúde e o bem-estar dos beneficiários da missão.

Além disso, em cenários de crise humanitária, como guerras, desastres naturais e fluxos migratórios forçados, a exigência energética do organismo humano tende a aumentar consideravelmente. O estresse fisiológico e emocional provocado por deslocamentos longos, condições climáticas adversas e períodos de insegurança alimentar agrava a necessidade de uma nutrição adequada e culturalmente aceitável. Dessa forma, a eficácia das ações humanitárias depende não apenas da oferta quantitativa de alimentos, mas também da sua aceitação pelos beneficiários. Ademais, a mobilização do corpo em condições adversas de alta exigência fisiológica, somada à escassez de alimentos, eleva a demanda por calorias, proteínas e micronutrientes essenciais para a manutenção das funções vitais e para a recuperação do organismo (FAO, 2002).

Portanto, ao considerar o impacto das diferenças culturais no fornecimento de alimentos pelas Forças Armadas em missões humanitárias, é fundamental compreender as dinâmicas culturais e os desafios que surgem quando os alimentos são introduzidos em um ambiente culturalmente diverso. O conceito de choque cultural, conforme abordado por Hoshino (*apud* Oliveras, 2000), se mostra relevante para explicar as reações dos migrantes frente a práticas alimentares que não correspondem às suas expectativas culturais, o que pode afetar diretamente a eficácia das operações humanitárias.

Em suma, a compreensão do comportamento alimentar e das reações culturais, conforme discutido por Leônidas e Santos (2011) e Hoshino (*apud* Oliveras, 2000), é essencial para avaliar como as Forças Armadas podem adaptar suas estratégias alimentares de maneira a promover maior aceitação e reduzir o impacto do choque cultural, garantindo, assim, o sucesso nas missões de acolhimento. Complementando essa visão, Oliveras (2000) destaca que esse primeiro impacto cultural pode ser positivo ou negativo, mas que, com o tempo, pode ser transformado à medida que os indivíduos se adaptam e internalizam os novos costumes.

Desse modo, conclui-se que a compreensão do comportamento alimentar e das reações culturais – conforme proposto por Leônidas e Santos (2011), Hoshino (*apud* Oliveras, 2000) e Oliveras (2000) – é indispensável para que as Forças Armadas desenvolvam políticas alimentares culturalmente sensíveis. Tais ações são decisivas para reduzir o impacto do choque cultural, favorecer a aceitação dos alimentos fornecidos e contribuir efetivamente para o êxito das missões humanitárias de acolhimento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada nesta pesquisa, constata-se que as diferenças culturais exercem um impacto significativo no consumo dos alimentos fornecidos pelas Forças Armadas durante missões humanitárias. Ao responder à questão: “De que maneira as diferenças culturais impactam no consumo de alimentos oferecidos pelas Forças Armadas em missões humanitárias?”, observou-se que elementos como tradições locais, práticas religiosas e hábitos alimentares próprios de cada povo influenciam diretamente a aceitação ou rejeição das refeições disponibilizadas às populações em situação de vulnerabilidade. São características culturais herdadas e configuradas ao longo da história que deram origem às identidades culturais.

Como destacado ao longo desta pesquisa, o papel do Estado é fundamental para garantir não apenas a sobrevivência da população, mas também o seu bem-estar e dignidade. Além disso, a logística alimentar desempenha uma função estratégica ao promover a estabilidade nas áreas de acolhimento, sendo essencial para evitar o agravamento das situações de vulnerabilidade. No entanto, é crucial que esse processo considere também as especificidades culturais dos povos acolhidos.

A investigação do caso da Operação Acolhida, voltada ao acolhimento de refugiados venezuelanos no estado de Roraima, revela a complexidade das interações culturais envolvidas no processo de subsistência. Ficou evidente que a padronização dos cardápios oferecidos pelas Forças Armadas, quando não considera as particularidades socioculturais do público-alvo, pode gerar rejeição alimentar, desperdício de recursos públicos e até comprometimento da efetividade da missão. Essa realidade aponta para a necessidade de adaptação das estratégias logísticas de alimentação às características culturais das comunidades atendidas.

Dessa forma, a pesquisa sugere que, ao incorporar variáveis culturais no planejamento e execução das ações de subsistência, as Forças Armadas têm o potencial de ampliar a eficiência de

suas operações humanitárias. Isso pode ser feito por meio da realização de estudos prévios sobre a cultura alimentar da localidade assistida e, sobretudo, pela inclusão de mediadores culturais – indivíduos com conhecimento da língua e dos costumes locais – como parte das equipes operacionais. Essa mediação cultural pode contribuir significativamente para a mitigação de choques culturais e para o fortalecimento do vínculo entre militares e civis, favorecendo a aceitação das refeições oferecidas.

Nesse sentido, o estudo reforça a importância de uma abordagem sensível à diversidade cultural nas práticas de fornecimento de alimentos em contextos humanitários. A formulação de cardápios que considerem as preferências e restrições alimentares dos assistidos não apenas assegura o atendimento nutricional adequado, como também respeita a dignidade cultural dos indivíduos atendidos.

Conclui-se, portanto, que a compreensão e valorização das diferenças culturais constituem fatores cruciais para o êxito de missões humanitárias conduzidas pelas Forças Armadas, conforme demonstrado na análise da Operação Acolhida. O presente trabalho oferece uma contribuição relevante ao campo da logística humanitária ao evidenciar a necessidade de integrar o respeito à cultura local como componente essencial de uma gestão eficiente, responsável e humanizada da alimentação em situações de emergência.

Por fim, reconhece-se que este estudo apresenta limitações, especialmente pela escassez de material específico sobre a temática da alimentação em contextos de missões humanitárias, o que exigiu a utilização majoritária de dados qualitativos e relatos secundários. A análise foi centrada na Operação Acolhida, tomando como base documentos públicos e estudos existentes, sem a realização de entrevistas com agentes diretamente envolvidos na execução da operação. Recomenda-se, portanto, que futuras pesquisas busquem ampliar a abordagem por meio de investigações empíricas a campo, incluindo entrevistas com gestores e imigrantes atendidos, além de análises quantitativas dos impactos da alimentação culturalmente adequada na saúde e na integração social dos acolhidos.

REFERÊNCIAS

- APTE, A. et al. Humanitarian logistics: A new field of research and action. **Foundations and trends in technology, information and operations management**, v. 3, n. 1, p. 1-100. [s. l.], 2010.
- ATZINGEN, M. C. B. C. **Sensibilidade gustativa de adultos de uma instituição universitária do município de São Paulo**. 2011. Tese (Doutorado em Nutrição e Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BARBER, E. Military involvement in humanitarian supply chains. In: **Relief supply chain management for disasters: humanitarian, aid and emergency logistics**. IGI Global, 2012. p. 123-146.
- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em: https://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_de_zembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf. Acesso em: 14 maio 2025.
- BRASIL, Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.
- CHAVES, L. G. *et al.* O programa nacional de alimentação escolar como promotor de hábitos alimentares regionais. **Revista de Nutrição**, v. 22, p. 857-866, 2009.
- COELHO, M.A. **Geografia geral: o espaço cultural e socioeconômico**. 3. ed. reform. São Paulo: Moderna, 1992.
- BRASIL. Comando da Aeronáutica. Grupamento de Apoio de Boa Vista-RR. Seção de Subsistência. **Relatório rancho**. 13p. Brasília: 2018. [documento de circulação interna].
- DE ARAÚJO, L. E.; SPARTA, D. M. B. Força-tarefa logística humanitária "Operação Acolhida": a atuação do Exército Brasileiro. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 9, p. 74024-74043, 2020.
- DE CASTRO, J. M. et al. Culture and meal patterns: a comparison of the food intake of free-living American, Dutch, and French students. **Nutrition Research**, v. 17, n. 5, p. 807-829, 1997.
- FISBERG, R. M.; SLATER, B. Hábitos alimentares da população brasileira: análise dos principais fatores que influenciam sua formação. **Revista Brasileira de Nutrição Clínica**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 58-63, 2002.
- FISHER, J. O.; BIRCH, L. L. **Early experience with food and eating: Implications for the development of eating disorders**. [s. l.], 2001.
- FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION (FAO). **Food and Nutrition Needs in Emergencies**. Roma, 2002.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 12. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FRANCHI, T. Operação Acolhida: a atuação das Forças Armadas Brasileiras no suporte aos deslocados venezuelanos. **Military Review**, v. 5, p. 1-13, 2019.

FRANCHI, T. **Operação Acolhida: uma ação essencial em Roraima**. [s. l.], 2022. Disponível em: <http://ompv.eceme.eb.mil.br/movimentos-migratorios-e-seguranca-na-faixa-de-fronteira/op-aco/396-op-r>. Acesso em: 26 set. 2024.

GABRIELLI. **FAB passa a produzir 4.500 refeições diárias para imigrantes venezuelanos em RR**. [s. l.], 2018. Disponível em: <https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/31891>. Acesso em: 25 abr. 2025.

GARCIA, R. W. D. Representações sociais da alimentação e saúde e suas repercussões no comportamento alimentar. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 7, p. 51-68, 1997.

GLANZ, K. et al. Why Americans eat what they do: taste, nutrition, cost, convenience, and weight control concerns as influences on food consumption. **Journal of the American Dietetic Association**, v. 98, n. 10, p. 1118-1126, 1998.

HAMILTON, J.; MCILVEEN, H.; STRUGNELL, C. Educating young consumers—a food choice model. **Journal of Consumer Studies & Home Economics**, v. 24, n. 2, p. 113-123, 2000.

HEASLIP, G.; SHARIF, A. M.; ALTHONAYAN, A. Employing a systems-based perspective to the identification of inter-relationships within humanitarian logistics. **International Journal of Production Economics**, v. 139, n. 2, p. 377-392, 2012.

HEASLIP, G.; BARBER, E. Using the military in disaster relief: systemising challenges and opportunities. **Journal of Humanitarian Logistics and Supply Chain Management**, v. 4, n. 1, p. 60-81, 2014.

HOLLIDAY, A. Small cultures. **Applied linguistics**, v. 20, n. 2, p. 237-264, 1999.

HONORATO, F. G. F. **Os desafios logísticos da Força-Tarefa Logística Humanitária em Roraima para o acolhimento dos venezuelanos**. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 2019. 63 p. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/6046/1/MO%206119%20-%20FELIPE%20HONORATO.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2025.

JUNIOR, S. J. C. A operação acolhida e a imigração venezuelana em Roraima. **Pensar Acadêmico**, v. 17, n. 3, p. 430-447, 2019.

KOVÁCS, G.; SPENS, K. M. Humanitarian logistics in disaster relief operations. **International Journal of Physical Distribution & Logistics Management**, v. 37, n. 2, p. 99-114, 2007.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas 2003.

LEÔNIDAS, C.; SANTOS, M. A. Imagem corporal e hábitos alimentares na anorexia nervosa: uma revisão integrativa da literatura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 25, n. 3, p. 550-558, 2011.

LOPES DA CRUZ, G. **Um estudo sobre a Operação Acolhida**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 2020.

MEIRIM, H. **Logística humanitária e logística empresarial**, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/264879930_LOGISTICA_HUMANITARIA_E_LOGISTICA_EMPRESARIAL_RELACOES_CONCEITOS_E_DESAFIOS. Acesso em: 16 mai. 2025.

MICHAUD, J. et al. Militaries and global health: peace, conflict and disaster response. **The Lancet**, 2019.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Ática, 2004

OLIVEIRA NETTO, S. Emprego das Forças Armadas em ações de Defesa Civil. **Jus Navigandi**, Teresina, ano, v. 19, p. 465-471, 2014.

OLIVERAS, Àngels. **Hacia la competencia intercultural en el aprendizaje de una lengua extranjera**: estudio del choque cultural y los malentendidos. Edinumen, 2000.

RECINE, E; RADAELLI, P; FERREIRA, T. **Alimentação e cultura**. Departamento de Nutrição, Universidade de Brasília. Secretaria de Políticas de Saúde: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/alimentacao_cultura.pdf. Acesso em: 14 mai. 2025.

RYNGAERT, C. Pro-democratic intervention in international law. **Institute for International Law, Working Paper**, n. 53, 2004.

SCHERMANN, D. Pirâmide de Maslow: o que é, para que serve e por que você precisa conhecê-la. **Opinion Box**. 2 abr. 2018. Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/piramide-de-maslow/>. Acesso em 26 set. 2024.

SILVA, I; RIBEIRO, J. L. P.; CARDOSO, H. **Porque comemos o que comemos?:** determinantes psicossociais da seleção alimentar. [s. l.], 2008.

SILVA, M. S. da. **A logística da Força Aérea Brasileira em resposta a desastres: O caso da Operação Acolhida**. 2020. Dissertação (Mestrado em Logística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

SPHERE PROJECT STAFF. Sphere Project: humanitarian charter and minimum standards in humanitarian response. **Practical Action Publishing**, 2011.

TEDESCO, J. C.. **Imigração Venezuelana no Brasil**: fronteiras, políticas e inserção social. Passo Fundo. Acervus, 2023.

THOMPSON, W. C. Success in Kashmir: a positive trend in civil–military integration during humanitarian assistance operations. **Disasters**, v. 34, n. 1, p. 1-15, 2010.

UNHCR, UNICEF, WFP, WHO. **Food and Nutrition Needs in Emergencies**. [s. l.], 2002.

VALDIVIESSO, R. *et al.* **Acolhimento de refugiados: alimentação e necessidades nutricionais em situações de emergência**. Lisboa: Programa Nacional para a Promoção da Alimentação Saudável/Direção-Geral da Saúde (DGS), 2015. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/81333/2/44987.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

WEEKS, M. R. Organizing for disaster: lessons from the military. **Business Horizons**, v. 50, n. 6, p. 479-489, 2007.